

SETOR DA CARNE AINDA NÃO ESTÁ PREPARADO PARA CRISES¹

Pedro Eduardo de Felício²

Governo, pecuaristas e empresários do setor da carne terão que investir muito mais tempo e recursos na preparação do país para situações críticas de toda ordem. Muito foi feito nas últimas cinco décadas, mas ainda é pouco dinheiro, são escassos os recursos humanos especializados, e as ações efetivas não fazem parte de um planejamento bem elaborado, capaz de resistir a hostilidades.

É difícil apontar neste espaço os avanços realizados até hoje no setor, mas vale salientar alguns deles, como o combate à febre aftosa e outras doenças e a atitude enérgica da inspeção sanitária, nos anos 70, que levou à construção de um parque industrial nacional de elevado nível técnico, que nunca parou de evoluir. Progresso também se deu no manejo de pastagens e na suplementação mineral, bem como no aperfeiçoamento da genética e reprodução dos rebanhos. Acrescente-se, ainda, o apoio governamental para divulgação da carne em eventos no exterior e, mais recentemente, até o estímulo às pesquisas nos laboratórios de algum modo ligados ao Ministério da Agricultura.

Assim, graças à infraestrutura de transportes e à tecnologia agropecuária e industrial criaram-se as condições fundamentais para suprir o mercado interno com carne de boa qualidade e, também, para exportar o excedente com segurança.

O entusiasmo com as conquistas já era evidente na virada do milênio, mas foi o ano de 2004 que se tornou um marco histórico do otimismo que dominava a indústria da carne como um todo.

O Brasil já tinha deixado para trás as críticas da Agência Canadense de Inspeção de Alimentos ao descaso oficial em relação aos protocolos de segurança contra a EEB (também conhecida como BSE ou mal da vaca louca). Naquele ano, o abate inspecionado aumentou de 21,6 milhões, em 2003, para 25,9 milhões de cabeças, e o consumo interno atingiu 6,4 milhões de t. (14% do total mundial). Além disso, o ano fecharia com uma receita de exportação de couros de US\$ 1,24 bilhão (*).

Os preços eram competitivos a nível mundial e o faturamento das exportações, com os EUA fora do mercado devido à EEB, saltaria de 1,5 para 2,5 bilhões de dólares. Consolidava-se, assim, a posição brasileira de segundo maior produtor, após os EUA, empatado com a União Européia (UE-25), com 8 milhões de t., e de maior exportador

¹ Artigo publicado na Revista ABCZ, n. 49, mar./abr., 2009. p.22.

² Médico Veterinário, professor titular da Faculdade de Engenharia de Alimentos da UNICAMP.

de carne bovina do mundo, pela primeira vez à frente da Austrália, com 1,6 (24% do total mundial) contra 1,4 milhão de t. eq. carcaça.

O progresso nos enchia de orgulho. Em agosto daquele ano, a chamada do Simpósio Nelore 2004, em Ribeirão Preto, era uma belíssima peça publicitária criada pela agência Z+ que mostrava um touro Nelore de capacete, altivo, num cenário de campo de batalha. No alto, a sentença: “O mercado da carne é uma guerra. Venha traçar as estratégias e conhecer os novos desafios (...)”.

Daí em diante foi só crescimento de produção e receita. As maiores empresas frigoríficas conseguiram quantias monumentais de dinheiro para comprar concorrentes, construir novas unidades e, também, para mudar de patamar tecnológico, preparando-se para satisfazer e superar as exigências do mundo moderno, que não admite negligência nas questões ambientais e de segurança dos alimentos.

Com tudo isso, o Brasil de fato estava preparado para a guerra? Não, ainda não. Houve um descuido e a aftosa pipocou no MS, no último trimestre de 2005, causando incalculáveis prejuízos econômicos e de imagem. A rastreabilidade nacional não ganhou credibilidade, a ponto de um sindicato de fazendeiros irlandeses ter percebido isto e, com respaldo do Reino Unido (RU), movido uma campanha de difamação, a partir de junho de 2007, que atingiu seu objetivo, no final de janeiro de 2008, quando a UE impôs severas restrições às nossas exportações.

Nossa reação no episódio das restrições foi digna de um poodle e não do Nelore guerreiro. Entretanto, os preços do petróleo estavam nas alturas, facilitando as exportações de carne a preços recordes, mas a escassez de gado para abate já se fazia sentir há algum tempo com reflexos nos custos dos frigoríficos.

Em seguida, veio a crise, desta vez a crise financeira global, e o resto da história está sendo visto e sentido por todos.

* Os dados estatísticos podem ser encontrados nos sites do IBGE, MDIC, USDA, e Revista Courobusiness.